

TRADUÇÃO DO PREFÁCIO E DA INTRODUÇÃO DAS VIDAS DOS SOFISTAS DE FILOSTRATO

TRANSLATION OF THE PREFACE AND THE INTRODUCION OF THE *LIVES OF THE SOPHISTS OF PHILOSTRATUS*

Oswaldo Cunha Neto*

O sofista Flávio Filostrato provém de uma família de sofistas em que vários membros possuíam o mesmo nome, incluindo seu pai¹. Natural da cidade de Lemos, teria vivido de 170 a 249 d.C. e faria parte de uma comunidade de sofistas profissionais com incontestável *status* político e social². Apesar de ter sido cidadão de Lemos, gozou tanto da cidadania de Atenas, onde estudou retórica com Proclus, que, para se diferenciar dos outros “Filostratos”, preferiu o epíteto de “ateniense”.

* Doutorando do programa de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL - da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp - email: osvaldocunhaneto@gmail.com.

¹(Suida, φ , 421.1 – 423.1). Dos três Filostratos mencionados na enciclopédia Suida, o autor das *Vidas dos Sofistas* aparece antes mesmo de seu pai, o “Filostrato Primeiro”, fato que sugere seu prestígio e importância.

²Além dos dados presentes em Suida, Smith (1861, v. III, p.323 – 328) fornece um quadro mais detalhado a respeito da biografia de Filostrato, bem como dos outros Filostratos. Dentre os contemporâneos que comentam a relação do nosso autor com os seus homônimos, também é possível consultar Bowersock (1969) e Anderson (1986, p. 291- 296).

Oswaldo Cunha Neto

Das obras atribuídas a sua autoria (*Vida de Apolônio de Tiana, Heróico e Quadros ou Imagens*) trataremos aqui das *Vidas dos Sofistas*, designada também como “*Vidas*”, obra publicada entre 232 e 238 d. C.

Contrariando a tendência observada recentemente de florescimento de estudos sobre a segunda sofística na Europa e América do Norte³, a ausência, quase que completa, de pesquisas sobre a segunda sofística no Brasil tem como consequência a falta de traduções das obras de referências de seus principais representantes. Com Filostrato e as *Vidas dos Sofistas*, não foi diferente; não dispomos de nenhuma tradução brasileira da obra nem, sequer, de alguma tradução de língua portuguesa.

Pelo fato de Filostrato ter estabelecido a terminologia “segunda sofística”, ele torna-se, necessariamente, o ponto de partida de todos aqueles que almejam estudar este “fenômeno”. Mesmo para aqueles que eventualmente não venham concordar com sua argumentação, é com ele que, primeiramente, devem dialogar. A importância de estudar (e traduzir) Filostrato é, portanto, primordial, um pré-requisito para o estudo de todos os outros “deuterossófistas”.

Desse modo, apresentamos a seguir uma tradução inédita, para a língua portuguesa⁴, do prefácio e da introdução da obra *Vidas dos Sofistas* de Filostrato.

³Bowersock (2003, p. 329).

⁴Temos na obra de Barbara Cassin traduzida para o português como *O Efeito Sofístico* a tradução para o português do prefácio e da introdução das *Vidas dos Sofistas*, não obstante, trata-se de uma tradução realizada a partir da obra *L'effet Sophistique* do francês e não da obra original em grego.

Tradução: Vida dos Sofistas de Filostrato.

VIDAS DOS SOFISTAS⁵

AO ILUSTRÍSSIMO CÔNSUL ANTÔNIO GORDIANO

(Prefácio)

Escrevi para você dois livros a respeito dos que praticaram filosofia achando que praticavam a sofística e sobre aqueles que legitimamente foram chamados de sofistas. O fato é que tanto sei que sua família relaciona-se com esta arte e que o [480] sofista Herodes é seu antepassado, quanto sempre me lembro das nossas discussões sobre os sofistas quando [estávamos] em Antioquia, no templo de Apolo Dáfneo. Mas, na verdade, não incluí, por Zeus, [as referências] aos ancestrais de todos, somente [as] dos bem reputados e conhecidos. Sei que Crítias, o sofista, também não [incluía] os ancestrais, a exceção se justifica no caso de Homero, que foi mencionado junto ao pai, uma vez que revelaria uma admirável distinção: o pai de Homero é um rio. De fato, não seria lá muito adequado, ao que quer conhecer muitas coisas [sobre um sofista], ser especialista sobre o pai e a mãe de um tal e, por outro lado, não reconhecer seus defeitos e suas qualidades, nem aquilo que, por acaso ou propositalmente, o faria triunfar ou fracassar. Esta obra, excelente procônsul, aliviará o peso de seus pensamentos como a ânfora de Helena com entorpecentes egípcios.

Até mais ver, condutor das musas!

⁵ Para a presente tradução nos servimos do texto estabelecido por Kayser, em 1871, que mantém a paginação Olearius.

Oswaldo Cunha Neto

(Introdução)

Deve-se considerar a antiga sofística como uma retórica filosófica, pois ela trata dos mesmos assuntos que os filósofos. Porém, enquanto esses estacionaram nas questões e dizem conhecer poucas coisas das que pesquisam, essas mesmas coisas o antigo sofista afirma saber. Sim, ele compõe o proêmio dos seus discursos com “eu sei”, “eu conheço”, “já examinei antes”, “não há nada de certo ao homem”. Tal formato dos proêmios confere excelência aos discursos, sensatez e uma clara compreensão das coisas. **[481]** Ora, a [filosofia] vinculou-se com a mântica humana, que os egípcios e caldeus – e, antes deles, os hindus – conjecturavam as coisas a partir de milhares de estrelas, enquanto que a [sofística o fazia a partir do] sinal profético e oracular. Pois também é perfeitamente possível ouvir de Apolo “eu sei a quantidade da areia e a medida do mar”, “é Zeus *amplovidente* que providencia a muralha de madeira de Atenas”, “são matricidas Nero, Orestes e Alcmeón”, e fala muitas outras dessas coisas como um sofista. Assim, a antiga sofística, assumindo questões de cunho filosófico, as discorria em volume e extensão, pois refletia sobre a coragem, a justiça, sobre os heróis e deuses e como se formou a concepção do cosmo.

Mas, a [sofística] que se seguiu a esta, não deve ser chamada de nova, pois [também] é antiga e [deve], preferivelmente, ser chamada de “segunda”, [ela] esboça e define [arquétipos] de pobres, de ricos, de aristocratas e de tiranos que a história adota [como modelos]. Na Tessália, Górgias de Leôncio fundou a mais antiga; e Ésquines de Atrometo, a segunda, [logo] depois de ter sido deposto da vida política, em Atenas, [quando] foi viver em Cária e em Rodes. Os adeptos [de Ésquines] tratavam da arte e os de Górgias, de suas próprias concepções.**[482]** Enquanto uns dizem que a origem dos

Tradução: Vida dos Sofistas de Filostrato.

discursos improvisados derivam de Péricles (que explicaria o fato de ser considerado grandiloquente), outros [dizem] que é de Píton de Bizâncio (o qual Demóstenes diz [ser] o único dos atenienses a suportá-lo em altivo fluxo [discursivo]), outros [dizem] que a invenção da improvisação vem de Ésquines, pois ele [teria] agradado Mausolo com um discurso improvisado, na navegação de Rodes à Cária.

De minha parte, acredito que Ésquines exerce a arte da improvisação há tempos, tanto no exercício de embaixador, advogando, quanto discursando publicamente, ainda que tenha deixado textos, dos discursos, mais elaborados para não diferir muito dos pensados por Demóstenes. Porém, os primórdios do discurso improvisado remontam a Górgias – pois ele, entrando no teatro de Atenas, ousou dizer: “Proponham [um tema]!”. Exclamou, pela primeira vez, este empreendimento de risco, demonstrando, claramente, saber tudo, [capaz] de falar a respeito de tudo, lançando-se [às vicissitudes] do momento. Isso ocorreu a Górgias pelo seguinte: Pródico de Cós tinha escrito um discurso desagradável...

A virtude e o vício vão até Hércules com a aparência de mulheres; enquanto que uma se preparou com adornos e cores, a outra [foi] como estava. A Hércules, ainda jovem, enquanto uma [a do vício] oferece ócio e luxúria, a outra [a da virtude] oferece aridez e labor.[483] Pródico fazia apresentações remuneradas dessa história, composta com muita prolixidade, perambulando pelas cidades e encantando-as do mesmo modo que Orfeu e Tâmiris.

Por causa dessas [apresentações], foi muito honrado em Tebas e mais ainda na Lacedemônia, [onde foi considerado] como aquele que melhor confere o ensino desses assuntos aos jovens. E Górgias, zombando de Pródico, que contava histórias ultrapassadas e as repetia muitas vezes,

lançou a si mesmo [às vicissitudes] do momento. Certamente que não deixou de suscitar inveja.

Havia, pois, um Querefonte em Atenas (não aquele que na comédia tinha apelido de ‘amarelo’, porque tinha ficado anêmico por causa da [dedicação exclusiva] às especulações). O que me refiro tinha o costume desmedido de fazer brincadeiras despudoradas. Este Querefonte, fazendo pouco caso do empenho de Górgias, disse: “Górgias, por que o feijão solta ar no estômago, mas não apaga o fogo?” E [Górgias], sem pestanejar, retrucou: “Isso eu deixo para você examinar, o que sei, e faz tempo, é que a terra faz brotar varas de açoite para tipos [como você]”.

Mas, vendo a fulminante [especialidade] dos sofistas, os atenienses os afastaram dos tribunais, pelo fato de [ser possível] vencer um argumento justo com um injusto, superando o direito. Quando Ésquines e Demóstenes expunham um e o outro dessa maneira [como sofistas] não se tratava de uma censura, mas de uma estratégia para colocar [o outro] em descrédito ante os juízes; pois, pessoalmente, consideravam-se, por isso mesmo, passíveis de serem admirados.

Ademais, Demóstenes, se dermos crédito a Ésquines, gabava-se diante dos conhecidos de ter manipulado o voto dos juízes **[484]** conforme sua [vontade] e opinião. Já Ésquines, ao que me parece, não se destacou entre os cidadãos de Rodes em relação a esta [habilidade], que eles ainda não conheciam, se já não tivesse se ocupado dela em Atenas. Então, os antigos não davam o nome de sofista apenas aos retóricos ilustres pela eloquência de sua linguagem, mas também aos filósofos que expunham suas ideias com fluência. É desses que tenho que falar primeiro e, embora não sejam sofistas, pelo menos eles parecem, passando a ser referidos por este nome.

(Original em Grego)

Τοὺς φιλοσοφήσαντας ἐν δόξῃ τοῦ σοφιστεῦσαι καὶ τοὺς οὕτω κυρίως προσρηθέντας σοφιστὰς ἐς δύο βιβλία ἀνέγραψά σοι, γινώσκων μὲν, ὅτι καὶ γένος ἐστί σοι πρὸς τὴν τέχνην ἐς [480] Ἡρώδη τὸν σοφιστὴν ἀναφέροντι, μεμνημένος δὲ καὶ τῶν κατὰ τὴν Ἀντιόχειαν σπουδασθέντων ποτὲ ἡμῖν ὑπὲρ σοφιστῶν ἐν τῷ τοῦ Δαφναίου ἱερῷ. πατέρας δὲ οὐ προσέγραψα, μὰ Δία, οὐ πᾶσιν, ἀλλὰ τοῖς ἀπ' εὐδοκίμων· οἶδα γὰρ δὴ καὶ Κριτίαν τὸν σοφιστὴν οὐκ ἐκ πατέρων, ἀλλὰ Ὀμήρου δὴ μόνου σὺν τῷ πατρὶ ἐπιμνησθέντα, ἐπειδὴ θαῦμα δηλώσειν ἔμελλε πατέρα Ὀμήρω ποταμὸν εἶναι. καὶ ἄλλως οὐκ εὐτυχὲς τῷ βουλομένῳ πολλὰ εἰδέναι πατέρα μὲν τοῦ. δεῖνος ἐξεπίστασθαι καὶ μητέρα, τὰς δὲ περὶ αὐτὸν ἀρετὰς τε καὶ κακίας οὐ γινώσκεις, μηδ' ὅτι κατώρθωσέ τε οὗτος καὶ ἐσφάλη ἢ τύχη ἢ γνώμη. τὸ δὲ φρόντισμα τοῦτο, ἄριστε ἀνθυπάτων, καὶ τὰ ἄχθη σοι κουφιεῖ τῆς γνώμης, ὥσπερ ὁ κρατὴρ τῆς Ἑλένης τοῖς Αἰγυπτίοις φαρμάκοις. ἔρρωσο Μουσηγέτα. Τὴν ἀρχαίαν σοφιστικὴν ῥητορικὴν ἠγεῖσθαι χρὴ φιλοσοφοῦσαν· διαλέγεται μὲν γὰρ ὑπὲρ ὧν οἱ φιλοσοφοῦντες, ἃ δὲ ἐκεῖνοι τὰς ἐρωτήσεις ὑποκαθήμενοι καὶ τὰ σμικρὰ τῶν ζητουμένων προβιβάζοντες οὕτω φασὶ γινώσκεις, ταῦτα ὁ παλαιὸς σοφιστὴς ὡς εἰδὼς λέγει. προοίμια γοῦν ποιεῖται τῶν λόγων τὸ “οἶδα” καὶ τὸ “γινώσκω” καὶ “πάσαι διέσκεμμαι” καὶ “βέβαιον ἀνθρώπῳ οὐδέν”.

ἡ δὲ τοιαύτη ἰδέα τῶν προοιμίων εὐγένειάν τε προηγεῖ τῶν λόγων καὶ φρόνημα καὶ κατάληψιν σαφῆ τοῦ ὄντος. [481] ἤρμυσται δὲ ἡ μὲν τῆ

Oswaldo Cunha Neto

ἀνθρωπίνη μαντικῆ, ἦν Αἰγύπτιοί τε καὶ Χαλδαῖοι καὶ πρὸ τούτων Ἴνδοι
ξυνέθεσαν, μυρίοις ἀστέρων στοχαζόμενοι τοῦ ὄντος, ἡ δὲ τῆ θεσπιωδῶ τε
καὶ χρηστηριῶδει· καὶ γὰρ δὴ καὶ τοῦ Πυθίου ἐστὶν ἀκούειν “οἶδα δ’ ἐγὼ
ψάμμου τ’ ἀριθμὸν καὶ μέτρα θαλάσσης” καὶ “τεῖχος Τριτογενεῖ ξύλινον
διδοῖ εὐρύοπα Ζεύς” καὶ “Νέρων Ὀρέστης Ἀλκμαίων μητροκτόνοι” καὶ
πολλὰ τοιαῦτα, ὥσπερ σοφιστοῦ, λέγοντος. Ἡ μὲν δὴ ἀρχαία σοφιστικὴ
καὶ τὰ φιλοσοφού-μενα ὑποτιθεμένη διήει αὐτὰ ἀποτάδην καὶ ἐς μῆκος,
διελέγετο μὲν γὰρ περὶ ἀνδρείας, διελέγετο δὲ περὶ δικαιοσύνης, ἡρώων τε
πέρι καὶ θεῶν καὶ ὅπη ἀπεσχημάτισται ἡ ἰδέα τοῦ κόσμου. ἡ δὲ μετ’ ἐκείνην,
ἦν οὐχὶ νέαν, ἀρχαία γάρ, δευτέραν δὲ μᾶλλον προσρητέον, τοὺς πένητας
ὑπετυπώσατο καὶ τοὺς πλουσίους καὶ τοὺς ἀριστεὰς καὶ τοὺς τυράννους καὶ
τὰς ἐς ὄνομα ὑποθέσεις, ἐφ’ ἃς ἡ ἱστορία ἄγει. ἤρξε δὲ τῆς μὲν ἀρχαιοτέρας
Γοργίας ὁ Λεοντῖνος ἐν Θεταλοῖς, τῆς δὲ δευτέρας Αἰσχίνης ὁ Ἀτρομήτου
τῶν μὲν Ἀθήνησι πολιτικῶν ἐκπεσῶν, Καρία δὲ ἐνομιλήσας καὶ Ῥόδῳ, καὶ
μετεχειρίζοντο τὰς ὑποθέσεις οἱ μὲν [ἀπὸ Αἰσχίνου] κατὰ τέχνην, οἱ δὲ ἀπὸ
Γοργίου κατὰ τὸ δόξαν. [482] Σχεδίων δὲ πηγὰς λόγων οἱ μὲν ἐκ Περικλέους
ρῦῆναι πρώτου φασίν, ὅθεν καὶ μέγας ὁ Περικλῆς ἐνομίσθη τὴν γλῶτταν, οἱ δὲ
ἀπὸ τοῦ Βυζαντίου Πύθωνος, ὃν Δημοσθένης μόνος Ἀθηναίων ἀνασχεῖν φησι
θρασυνόμενον καὶ πολὺν ῥέοντα, οἱ δὲ Αἰσχίνου φασὶ τὸ σχεδιάζειν εὐρημα,
τοῦτον γὰρ πλεύσαντα ἐκ Ῥόδου παρὰ τὸν Κᾶρα Μαύσωλον σχεδίῳ αὐτὸν λόγῳ
ῆσαι. ἐμοὶ δὲ πλεῖστα μὲν ἀνθρώπων Αἰσχίνης δοκεῖ σχεδιάσαι πρεσβεύων
τε καὶ ἀποπρεσβεύων συνηγορῶν τε καὶ δημηγορῶν, καταλιπεῖν δὲ μόνους
τοὺς συγγεγραμμένους τῶν λόγων, ἵνα τῶν Δημοσθένους φροντισμάτων μὴ

Tradução: Vida dos Sofistas de Filostrato.

πολλῶ λείποιο, σχεδίου δὲ λόγου Γοργίας ἄρξαι – παρελθὼν γὰρ οὗτος ἐς τὸ Ἀθηναίων θέατρον ἐθάρρησεν εἰπεῖν “προβάλλετε” καὶ τὸ κινδύνευμα τοῦτο πρῶτος ἀνεφθέγγατο, ἐνδεικνύμενος δήπου πάντα μὲν εἰδέναι, περὶ παντὸς δ’ ἂν εἰπεῖν ἐφίεις τῷ καιρῷ – τοῦτο δ’ ἐπελθεῖν τῷ Γοργία διὰ τόδε· Προδίκῳ τῷ Κεῖῳ συνεγγράπτῳ τις οὐκ ἀηδῆς λόγος· ἡ ἀρετὴ καὶ ἡ κακία φοιτῶσαι παρὰ τὸν Ἡρακλέα ἐν εἶδει γυναικῶν, ἐσταλμένοι ἢ μὲν ἀπατηλῶ τε καὶ ποικίλῳ, ἢ δὲ ὡς ἔτυχεν, καὶ προτείνουσαι τῷ Ἡρακλεῖ νέῳ ἔτι ἢ μὲν ἀργίαν καὶ τρυφήν, ἢ δὲ αὐχμὸν καὶ πόνους· καὶ τοῦ ἐπὶ πᾶσι διὰ πλειόνων συντεθέντος, τοῦ λόγου ἔμμισθον ἐπίδειξιν [483] ἐποιεῖτο Πρόδικος περιφοιτῶν τὰ ἄσθη καὶ θέλγων αὐτὰ τὸν Ὀρφέως τε καὶ Θαμύρου τρόπον, ἐφ’ οἷς μεγάλων μὲν ἠξιοῦτο παρὰ Θηβαίοις, πλειόνων δὲ παρὰ Λακεδαιμονίοις, ὡς ἐς τὸ συμφέρον τῶν νέων ἀναδιδάσκων ταῦτα· ὁ δὲ Γοργίας ἐπισκώπτων τὸν Πρόδικον, ὡς ἔωλά τε καὶ πολλάκις εἰρημένα ἀγορεύοντα, ἐπαφῆκεν ἑαυτὸν τῷ καιρῷ. οὐ μὴν φθόνου γε ἤμαρτεν· ἦν γάρ τις Χαιρεφῶν Ἀθήνησιν, οὐχ ὄν ἢ κωμωδία πύξινον ἐκάλει, ἐκεῖνος μὲν γὰρ ὑπὸ φροντισμάτων ἐνόσει τὸ αἶμα, ὄν δὲ νυνὶ λέγω, ὕβριν ἤσκει καὶ ἀναιδῶς ἐτάθραζεν. οὗτος ὁ Χαιρεφῶν τὴν σπουδὴν τοῦ Γοργίου διαμασώμενος “διὰ τί” ἔφη “ὦ Γοργία, οἱ κύαμοι τὴν μὲν γαστέρα φυσῶσι, τὸ δὲ πῦρ οὐ φουσῶσιν;” ὁ δὲ οὐδὲν ταραχθεὶς ὑπὸ τοῦ ἐρωτήματος “τουτί μὲν” ἔφη “σοὶ καταλείπω σκοπεῖν, ἐγὼ δὲ ἐκεῖνο πάλαι οἶδα, ὅτι ἡ γῆ τοὺς νάρθηκας ἐπὶ τοὺς τοιούτους φύει.” Δεινότητα δὲ οἱ Ἀθηναῖοι περὶ τοὺς σοφιστὰς ὀρῶντες ἐξεῖργον αὐτοὺς τῶν δικαστηρίων, ὡς ἀδίκῳ λόγῳ τοῦ δικαίου κρατοῦντας καὶ ἰσχύοντας παρὰ τὸ εὐθύ, ὅθεν Αἰσχίνης καὶ Δημοσθένης προὔφερον μὲν αὐτὸ ἀλλήλοισι, οὐχ ὡς ὄνειδος δέ, ἀλλὰ ὡς

Oswaldo Cunha Neto

διαβεβλημένον τοῖς δικάζουσιν, ἰδίᾳ γὰρ ἠξίουν ἀπ' αὐτοῦ θαυμάζεσθαι. καὶ Δημοσθένης μὲν, εἰ πιστέα Αἰσχίνῃ, πρὸς τοὺς γνωρίμους ἐκόμπαζεν, ὡς τὴν τῶν δικαστῶν ψῆφον [484] πρὸς τὸ δοκοῦν ἑαυτῷ μεταγαγών, Αἰσχίνης δὲ οὐκ ἂν μοι δοκεῖ πρεσβεῦσαι παρὰ Ῥοδίοις, ἃ μήπω ἐγίγνωσκον, εἰ μὴ καὶ Ἀθήγησιν αὐτὰ ἐσπουδάκει. Σοφιστὰς δὲ οἱ παλαιοὶ ἐπωνόμαζον οὐ μόνον τῶν ῥητόρων τοὺς ὑπερφωνοῦντάς τε καὶ λαμπροὺς, ἀλλὰ καὶ τῶν φιλοσόφων τοὺς ζῦν εὐροία ἐρμηνεύοντας, ὑπὲρ ὧν ἀνάγκη προτέρων λέγειν, ἐπειδὴ οὐκ ὄντες σοφισταί, δοκοῦντες δὲ παρῆλθον ἐς τὴν ἐπωνυμίαν ταύτην.

Referências bibliográficas

ANDERSON, G. *Philostratus – Biography and Belles Letters in the Third Century A.D.* Croom Helm: London, 1986.

BOWERSOCK, G. W. *Greek Sophists in the Roman Empire.* Claredon Press: Oxford, 1969.

_____ “A Cambridge View of the Second Sophistic”. In: *The Classical Review*, v. 53, n. 2. Cambridge University Press. p. 329 - 331. [S.l.], Oct. 2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3810678>> , data de acesso: 20/06/2011.

CASSIN, B. *L'effet sophistique.* Paris: Gallimard, 1995.

LIDELL, H. G., SCOTT, R., *Greek-English lexicon.* Rev. and augm. throughout Sier Henry Stuart Jones and Roderick Mckenzie. Clarendon Press; Oxford University Press: Oxford; New York, 1996 - Digital Version.

PHILOSTRATUS. *Lives of the sophists.* With an English translation by Wilmer Cave Wright. Harvard University Press: London, 1998.